

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

CAROLINA MOREIRA NODARI

**ANDANÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO TOCCA**

Santa Maria, RS

2020

Carolina Moreira Nodari

**ANDANÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO TOCCA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), apresentado como requisito parcial à obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

ORIENTADORA: Prof^aDra. Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria, RS
2020

Carolina Moreira Nodari

**ANDANÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO TOCCA**

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovada em setembro de 2020:

Andréa do Amparo Carotta de Angeli. Dra. UFSM

(orientadora)

Erika Alvarez Inforsato. Dra. FMUSP

(avaliadora)

Santa Maria, RS
2020

AGRADECER...

Por toda força que encontrei na Natureza e nas energias dessa Santa Maria.

Minha família por incentivar meus sonhos, por todo cuidado com meu crescimento, por ser um suporte precioso para conseguir andar nesses trilhos. Em especial, meu irmão Marcelo, por sua doce existência que melhora a minha!

A imensa sabedoria da Andréa, que como um farol ilumina minhas andanças. Ensina a criar asas e voa junto... Uma professora. Um pássaro!

A Erika Inforsato, por aceitar compor a banca, e por seus escritos que bordaram ensinamentos em meu processo de ser at e ser TO!

Por todas as queridas pessoas que habitaram nossa toca no TOCCA, por todas que compartilharam ensinamentos no Espaço Corpo. Vocês são artesãs da mulher que sou hoje. Agradeço e anseio por mais um café com vocês!

Aos colegas de grupo de orientação, por todos os conselhos e apoio afetivo para essa pesquisa acontecer.

Por cada colega de Diretório Acadêmico que inspiram coragem, sensibilidade e união. VIVA o movimento estudantil!

A toda força da companheirada de coletivo alicerce, por nossos encontros despertarem esperança e entusiasmo no fazer político.

Aos meus colegas da 12^o turma que tornaram os dias de faculdade um pouco mais acolhedores. Agradeço por conseguirmos nos unir e aprender uns com os outros! Admiro muito nós!

A todas as professoras do departamento de TO, por serem guerreiras sensíveis, repletas de paixão ao educar, e comprometidas com o fazer verdadeiramente humano.

Aos amores que criei e as amigas que encontrei, gratidão por todos carinhos trocados!

Ao presente tão bonito da companhia de Caetano, por tudo que vivemos nessa caminhada!

Aos que lutam por vida nesse tempo, com vocês mantenho a fé. *“Tudo que nós temos é uns ao outros”*, já cantou Emicida. **MUITO OBRIGADA!**

EPIGRAMA

*Não se trata do poema e sim do homem
e sua vida*

*- a mentida, a ferida, a consentida
vida já ganha e já perdida e ganha
outra vez.*

*Não se trata do poema e sim da fome
de vida,*

*o sôfrego pulsar entre constelações
e embrulhos, entre engulhos.*

Alguns viajam, vão

a Nova York, a Santiago

do Chile. Outros ficam

mesmo na Rua da Alfândega, detrás

de balcões e de guichês.

Todos te buscam, facho

de vida, escuro e claro,

que é mais que a água na grama

que o banho no mar, que o beijo

na boca, mais

que a paixão na cama.

Todos te buscam e só alguns te acham. Alguns

te acham e te perdem.

Outros te acham e não te reconhecem

e há os que se perdem por te achar,

ó desatino

ó verdade, ó fome

de vida!

O amor é difícil

mas pode luzir em qualquer ponto da cidade.

E estamos na cidade

sob as nuvens e entre as águas azuis.

A cidade. Vista do alto

ela é fabril e imaginária, se entrega inteira

como se estivesse pronta.

Vista do alto,

com seus bairros e ruas e avenidas, a cidade

é o refúgio do homem, pertence a todos e a ninguém.

Mas vista

de perto,

revela o seu túrbido presente, sua

carnadura de pânico: as

peçoas que vão e vêm

que entram e saem, que passam

sem rir, sem falar, entre apitos e gases.

Ah, o escuro

sangue urbano

*movido a juro.
São pessoas que passam sem falar
e estão cheias de vozes
e ruínas.*

*És Antônio? És Francisco? És Mariana?
Onde escondeste o verde
clarão dos dias? Onde
escondeste a vida
que em teu olhar se apaga mal se acende?
E passamos
carregados de flores sufocadas.
Mas, dentro, no coração,
eu sei,
a vida bate. Subterraneamente,
a vida bate.*

*Em Caracas, no Harlem, em Nova Delhi,
sob as penas da lei,
em teu pulso,
a vida bate.
E é essa clandestina esperança
misturada ao sal do mar
que me sustenta
esta tarde
debruçado à janela de meu quarto em Ipanema
na América Latina.*

A vida bate, escrito de Ferreira Gullar.

ANDANÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO TOCCA

RESUMO

AUTORA: Carolina Moreira Nodari

ORIENTADORA: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

O presente estudo tem como proposta investigar de modo cartográfico como as relações entre arte e saúde se expressam na produção de subjetividade. Esta observação é sustentada por meio de narrativas dos trajetos percorridos no acompanhamento terapêutico na cidade de Santa Maria, RS. Os objetivos buscaram compreender o contexto social de Santa Maria; problematizando a relação do aprendizado e do fazer artístico na transformação do cotidiano das pessoas e da cidade, bem como, analisar a produção de arte e saúde através do Acompanhamento Terapêutico. O trabalho foi produzido a partir do método cartográfico. Como caminhos para a estruturação da pesquisa realizou-se a leitura dos diários de campo construídos no acompanhamento terapêutico de um dos usuários do programa Terapia Ocupacional Corpo Cultura e Arte (TOCCA) no período de março de 2017 até julho de 2020. Bem como, a Leitura/Análise dos diários pessoais produzidos durante as experiências no TOCCA desde a inserção no programa em março de 2016. Através da leitura deste material, foram fabuladas cenas problema articulando com referencial teórico para a construção da cartografia.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico, Terapia Ocupacional, interface arte-saúde, cartografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O AVESSE DO MESMO LUGAR.....	12
TOCCA> toca > tocar.....	23
ANDARILHAR COMO METODOLOGIA.....	27
APONTE OU A PONTE.....	35
VOU MUDAR AS COISAS DE LUGAR	50
CONTEMPLAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Começo essa andança observando a cidade que se revela a cada passo. Busquei no contexto social e cultural de Santa Maria encontrar os traços históricos que formaram esse município, e inventar com eles um trajeto para acompanhar a rotina da cidade. Movida pelo desejo de compreender como as relações de arte e saúde moldam esse território atualmente.

As rotas da caminhada guiaram meus pés até o programa de extensão TOCCA – Terapia Ocupacional, corpo, cultura e as artes, e ao habitar esse lugar tornei-me aprendiz na clínica do acompanhamento terapêutico. Através dessa experiência andei pelas ruas da cidade com Caetano, colhendo e cultivando diversas histórias semeadas por esse chão.

O sul dessa pesquisa era o objetivo de cartografar como as relações entre arte e saúde se expressam na produção de subjetividade, por meio dos trajetos percorridos no acompanhamento terapêutico (at) nessa cidade. Mais especificamente, desejava mapear e problematizar o contexto social de Santa Maria, e como se tece a relação do aprendizado/fazer artístico na transformação do cotidiano das pessoas e do território.

A metodologia utilizada foi a cartografia, que consiste em um pesquisar caminhante, que se faz com o próprio processo da pesquisa. Ela permite a compreensão de que, somos atravessados o tempo todo por nossa produção. O que exige um corpo atento aos encontros, aos sinais, as forças do território que nos rodeia.

Colocamo-nos em análise ao mesmo pé em que analisamos diários, prontuários, histórias, cotidianos para perceber como se tecem os processos de produção nessa experiência, nesse território problemático com o qual nos encontramos. Com isso, produziu-se uma pesquisa e uma escrita que buscou traduzir a potência de um trabalho que se deu no observar, no acompanhar, no fazer artístico, no campo da cultura que pôde nos abrir a sensibilidade e nos instigar a transformar nossa realidade.

A obra será o que desse caminhar surgir, afetar, transformar os envolvidos. A escolha por essa metodologia é de fato, por ela permitir que as construções das metas aconteçam no percorrer da ação, pois ela é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. (ROLNIK, 2014, p. 23).

A situação social aberta com a pandemia do Covid 19, fez com que todos os caminhos se alterassem. A nossa passagem, então, se fez pela necessidade de narrar o que era vivido durante esse processo, e mesmo aos trancos e barrancos, seguir os fios do fazer em arte e da criação de saúde a fim de permanecer caminhante.

Sendo assim, antecipo brevemente a aventura que seguiremos, contando que, no primeiro trecho da estrada vamos andar pelas vielas de uma cidade que encanta e desafia, encontraremos com movimentos políticos que vão interferir em nosso olhar, nossa ação e sensibilidade para mundo, e com a expressão artística que ele faz brotar. Faremos tocas para aprender uma clínica em terapia ocupacional e vamos andarilhar nos desvios dessa pesquisa.

No segundo trecho, nossos pés alcançam uma ponte que aponta para as experiências vividas durante o acompanhamento terapêutico, e o que dessas experiências se processa em minha formação. Por aí, também encontraremos as mudanças de lugar, que foram feitas para narrar e agir no presente de nossas vidas durante a pandemia.

Vamos em frente e boa viagem aos navegantes!



Vista do morro dos Ferroviários. Fotos do arquivo pessoal, ano 2017.

O AVESSE DO MESMO LUGAR

Caminho pelas ruas desviando das pessoas que dormem nas calçadas geladas desse lugar. Cruzo na frente do container de lixo e vejo lá dentro uma mulher catando materiais recicláveis e alimentos. Em minha direção caminha em passos lentos, uma senhora com feições de exaustão, dentro de seu uniforme que estampa o nome da empresa de serviços terceirizados. Chego à parada de ônibus e encontro jovens estudantes, que assim como eu, esperam o ônibus para a Universidade Federal.

Esse é um dia rotineiro na cidade de Santa Maria, no interior do sul brasileiro no ano de 2019. E te convido a caminhar comigo por esse chão. Desbravar, desvendar, cartografar, virar do avesso esse lugar.

Essa cidade que vista do alto é uma pintura daquelas que nos emociona o olhar, é guardada pelas montanhas que envolvem toda extensão do local. São montanhas imensas, robustas, de um verde inebriante que se mistura com as cores dos prédios e casas que se amontoam morro acima. É possível olhar as montanhas ao andar pelas ruas da cidade de tão perto que elas estão. Nelas também há cachoeiras, rios, florestas repletas de flores e animais. E quando o vento vem do Norte e com todo seu calor resolve ventar entre as montanhas, podemos ouvir seu sopro, sentir na pele a sua presença.

Há 'saberes' contados pelas bocas que andam por ai, de que a chuva chegará depois dos dias de vento, e que nessa cidade, precisa cuidar para o vento não deixar a cabeça da gente do avesso. É um típico dia de vento norte em Santa Maria da Boca do Monte.

Vista de dentro, Santa Maria impressiona pela diversidade do povo que lhe habita e daqueles que a escolhem para fazer sua morada. Marcada por fortes heranças dos povos indígenas que aqui habitavam e daqueles que seguem vivos nos dias atuais. Bem como, por uma disputa territorial entre tropas militares de Portugal e Espanha em 1777, que estabeleceram nesse chão uma linha divisória de terras e chamaram de territórios conquistados. Compreende-se neste trabalho, porém, que se tratou de uma invasão armada e violenta que matou e

escravizou os brasileiros que já viviam aqui. Os invasores acamparam na região que hoje conhecemos pela Rua do Acampamento. Fizeram-nos acreditar que é uma homenagem.

Santa Maria é profundamente marcada pelos traços militares. Atualmente é considerada a cidade do país com o segundo maior contingente militar, perdendo somente para o Rio de Janeiro. Possuiu um crescimento exponencial quando construíram a estrada de ferro, com o suor de gente que fez longas jornadas de trabalho, que atravessou o mar e saiu do seu próprio país em busca de melhores condições, como foi o caso dos trabalhadores imigrantes da Bélgica. Além de desenvolver a circulação de dinheiro na cidade que ainda possuía pouca atividade econômica, a passagem da linha de trem significava uma modernização no país. Modernização do regime capitalista e dos interesses dos colonizadores, que conectaram a estrada a um destino importante: a fronteira com o Uruguai e a necessidade de abastecer com armamentos e mantimentos a Guarda Nacional que guerreava nas lutas Platinas entre Argentina e Uruguai.

“Tornou-se um ponto estratégico em que a Guarda Nacional dava apoio às tropas que lutavam no Uruguai e na Argentina nas Guerras Platinas. Com eles, chegaram imigrantes que viam em Santa Maria um local para vender seus produtos, abrir um armazém, uma ferraria ou, até mesmo, prestar serviços.” (Boca jornalismo, 2018, s\p.)¹

Pausa. Vamos sentar em um banco da Praça Saldanha Marinho e recuperar o fôlego, respirar, descansar e dar tempo para sentir as antigas feridas dessa cidade, as mesmas feridas que encontramos na história de todo país, e que seguem abertas e doloridas em nós. Com o vento balançando as árvores da praça, e observando as pessoas que passam por ali, uma canção pede para ser cantada. Cantamos como quem espanta os males. Curamos com canção os machucados da vida.

¹ Disponível em <https://www.bocajornalismo.com/single-post/2018/03/29/O-apito-do-trem-A-trajetoria-da-Estacao-Ferrea-em-Santa-Maria> acesso em abril de 2019

“Bom, ai que bom é ver vocês
 E cada vez que eu volto é pra dizer
 Que sem ver vocês
 Sem ter vocês
 Não sou ninguém

Canta, que a vida passa
 E se ela passa
 Melhor cantar

É de vocês o meu cantar
 É só pra vocês nosso cantar

Enquanto a nossa meta não for atingida
 Continuamos gritando o nosso canto
 Enquanto nossa música não voltar ao que é
 Nós lutamos, faz escuro, mas nós cantamos

O amanhã tá breve
 Vamos cantar logo, logo o que é nosso
 Porque mais que nunca
 É preciso cantar o que é nosso.”

(Imagem, composição de Luiz Eça e Aloysio de Oliveira)

Ao nos deparar com o passado de sofrimento e de violência desse país, que se afunda até os dias de hoje em seu lugar de colônia no mundo, e ao enxergar as feições exaustas e abatidas daquela montoeira de gente que desce do transporte público, que caminha de modo automático e apressado, que atravessa a praça sem olhar nos olhos, sem reparar nas árvores e sem perceber a mudança das estações deparamo-nos com a angústia e o sufoco de *sobreviver* nesse tempo.

E quando passamos *carregadas de flores sufocadas* é melhor cantar. Pois, nosso canto cria possibilidades em um banco qualquer da praça da cidade. Nosso canto balança nos corpos que caminham ali, pousa nas árvores que rodeiam, envolve-se com a história desse lugar. É levado com o vento para outros cantos, vagueia nos ouvidos de quem escuta, gera sensações nos corpos – risos, lágrimas, espanto, alegria, desdém. Mexe com a gente. Modifica a percepção daquela rotina. Interfere, contagia.

Movemo-nos aqui com as ideias de Claudia Neves (2004) em seu escrito Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico, que mostra:

Assim, a ideia de interferência obriga-nos a pensar em inúmeras ocorrências: desde uma ação humana até um vento, um esbarrão, um som, a luz do sol em nossos olhos, as gotas de água salgada advindas do estouro de uma onda na praia, a visão do amarelo nas obras de Van Gogh. Enfim, poderíamos afirmar que algo qualquer pode interferir em outro, sendo ele o que for, seja para transformar, seja para ratificar um funcionamento ou simplesmente para perturbar uma recepção de sinais, caso em que interferência e ruído chegam a virar sinônimos. (NEVES, 2004, p. 05)

São essas interferências que modificam o processo de subjetivação dos corpos e das forças em jogo, que viram do avesso os lugares e seus modos de funcionamento, que contagiam e proliferam sensibilidades que nos atraem a criar nesse percurso.

Proponho então, que nosso trajeto vire a rota, trace sua *linha de fuga* e corra, caminhe, cante, dance, grite, diga poesias pelos becos da cidade, que é onde encontrei a *vida que bate – subterraneamente*. Nessas andanças vivenciei importantes processos de luta que desenrolaram processos de subjetivação essenciais para agir nos dias de hoje. Modifiquei minha percepção quanto ao contexto social, cultural e político e encontrei pistas para traçar outras perspectivas de clínica em terapia ocupacional. Sou então, tomada por uma intensa vontade de interferir que se ativa e levanta problemas que vão andar nessa cartografia.



Prédio da Terapia Ocupacional – UFSM. Fotos do arquivo pessoal, ano de 2016.

Eu vou no bloco dessa mocidade

Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada.

(E vamos à luta, canção de Gonzaguinha)

“Novembro de 2016.

Por um mês nós mudamos furiosamente a rotina da UFSM. Ocupamos os prédios e construímos nossas aulas. Cuidamos uns dos outros e do ambiente, cozinávamos para cerca de trinta pessoas por dia. Casa cheia, muita troca de ideias e sentimentos. Muito que fazer e disposição transbordando. Vontade de aprender a cada dia mais. Durante a noite reuníamos no hall, desligava-se a música – que durante o dia permanecia tocando e embalando o cotidiano conforme o gosto de quem habitava ali, e conversávamos sobre o dia que havíamos partilhado, refletíamos a situação política que vivíamos, dialogávamos, discordávamos, nos respeitávamos, decidíamos a agenda de atividades da semana, e organizávamos o dia seguinte.

Uma sugeria: Tenho um conhecido que pode dar oficina de teatro do oprimido.

Outra dizia: Vamos fazer uma prática de danças circulares? Posso conversar com a professora.

Alguém pedia: Podemos fazer uma aula sobre opressões?

Assim, aprendíamos juntas.

Certo dia as estagiárias de TO do campo cultura e artes chegaram para apresentar seus trabalhos finais para as estudantes que estavam na ocupação. Subiram a escadaria que dá acesso ao prédio e ali mesmo demarcaram um palco, inventaram um cenário, e arrumaram um lugar confortável para a plateia ficar, em cima de tapetes, com almofadas coloridas e a vista das montanhas ao fundo do palco. Tudo pronto! A plateia é chamada para adentrar a experiência. Começo a andar em direção à escada e ouço um som nunca antes escutado. Instigada me aproximo e vejo um rapaz tocando violoncelo na nossa escadaria. A música é tão bonita que emociona e arrepia. A concentração do músico é tanta que parece estar imune aos acontecimentos ao seu redor. Todo seu corpo toca

o instrumento. O som do instrumento toca todo meu corpo. Atrás dele vejo a faixa que fizemos, entre muitas mãos, escrito “ocupado”. Ela conta de nossa luta.

Naquele momento de perdas de direitos que impactam nossos modos de viver, de uma rotina de ameaças, medo e resistência, em um lugar de muita dureza que se tornou o lugar da academia, ouvir aquela música e ver aquela cena acontecer exatamente ali foi revigorante. Foi um gole de vida!

*“Instantes que a arte possibilitou **virar do avesso o mesmo lugar.**” (Diário de trajetória)*

A intensidade das forças de vida, que puderam ser escutadas e absorvidas naquele momento, reverberou e sensibilizou o corpo. Fui invadida por sensações de pertencimento ao lugar, aos vínculos constituídos, ao som delicado do violoncelo. Percebi a criatividade e a criação no corpo daqueles sujeitos que me rodeiam, senti que sou também criativa e criadora naquele movimento. Tornei-me outra ao acessar essa sensação. O mundo tornou-se um lugar de muitas outras possibilidades para além das que foram impostas.

As palavras de Suely Rolnik em seu texto Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia, auxiliam a pensar com a cena anterior:

“O que encontramos, aqui, é um corpo que se abre às forças da vida que agita a matéria do mundo e as absorve como sensações, afim de que estas por sua vez nutram e redesenhem sua tessitura própria. Saber do mundo, nesse caso, é colocar-se à escuta desta sua reverberação corporal, impregnar-se de suas silenciosas forças, misturar-se com elas e, nesta fusão, reinventar o mundo e a si mesmo, tornar-se outro. Plano de conhecimento onde corpo e paisagem se formam e reformam ao sabor do movimento de uma conversa sem fim.”
(ROLNIK, S. 2006, pg 03)

O desejo é de seguir movendo, movimentando, mobilizando. Com o fazer político e com o fazer artístico encontro espaço de criação e reinvento um novo caminho dentro do espaço rotineiro da UFSM. Vamos subir as escadarias todos os dias, mas agora, poderemos imaginar cenários diversos para aquele local. Tudo mudou.

O filósofo Peter Pelbart (2016) ao pensar com o que aconteceu, ou melhor, com tudo que muda com os secundaristas (nome da reportagem que trás o texto), em referência a luta que o movimento fez pelo direito ao acesso à escola pública no Estado de São Paulo em 2016, diz que o **processo destravou a imaginação política** no país:

“Independente do desfecho concreto do movimento, foi um momento em que a imaginação política se destravou. A imaginação política não é uma esfera sonhadora e desconectada da realidade, ao contrário, é precisamente a capacidade de se conectar com as forças reais que estão presentes numa situação dada, as forças do entorno, mas também as forças vossas. As **ocupações** desencadearam um processo imprevisível cujo caráter ao mesmo tempo disruptivo e instituinte deixou a todos estupefatos.” (PELBART, 2016, s/p)

De fato, havia naquelas jovens adolescentes das escolas públicas uma energia nova, uma capacidade de romper com a rotina escolar imposta e uma ânsia por estrear um modo de fazer educação, política e cultura jamais visto. Ficamos instigadas pela potência embrionária daquele processo.

Havia um clima de exaustão com as velhas formas de aprender e de construir a política. Embebidas pelas vivências anteriores das secundaristas, confiamos em nossa rebeldia, em nosso potencial coletivo de romper com o instituído, de parir possibilidades de criação da vida, e no ano seguinte, quando a proposta de Emenda Constitucional 55 que congela os gastos em saúde e educação por 20 anos foi proposta pelo governo, as estudantes universitárias de todo Brasil ocuparam as Universidades Públicas.

Com Peter (2016) buscamos compreender os efeitos desses processos:

Um acontecimento no sentido forte da palavra, como o que foi produzido no bojo desse movimento, divide o tempo em antes e depois. Não dá mais para voltar atrás – algo de irreversível se deslocou no corpo, no afeto, na imaginação, na compreensão dos estudantes, mas também dos seus pais, dos professores, das suas famílias, na comunidade, na cidade. E o que aconteceu torna-se uma espécie de farol, de incandescência, de marca indelével, de referência incontornável – já não é possível fingir que nada aconteceu, que se pode passar por cima disso, que se pode voltar para a mesma subserviência ou apatia ou passividade de antes. É que foi muito forte o que se viveu, foi muito intenso, foi muito vital, foi mais do que uma experiência, foi uma experimentação coletiva, micropolítica e macropolítica, que abriu um campo de possíveis, e por conseguinte

pode ser retomada a qualquer momento, e pode ser prolongada, ampliada, transposta, tal como de fato vai contagiando outros Estados do Brasil, de forma variada. (PELBART, 2016, s\p)²

Por um lado, as decisões macropolíticas desse período anunciam tempos de falta de ar e de caos em nossas relações e no modo de viver essa sociedade, por outro, traz consigo suas contradições e sua perversão. Sufocadas sentimos vontade de respirar, e com vontade de respirar buscamos condições para viver. Com a PEC aprovada no congresso nacional, enquanto a cavalaria e as tropas militares batiam nos manifestantes do lado de fora, havia gente que julgava que nossos movimentos ficariam paralisados, mal sabiam, que com aquele acontecimento pegamos fôlego, demos passagem a nossa imaginação política e nossos corpos ganharam vivacidade para mover-se ainda mais.

Suely Rolnik (2006) escreve um trecho o qual denomina “Habitar o paradoxo”, e com essa provocação ela nos orienta o caminhar:

A criação é este impulso que responde à necessidade de inventar uma forma de expressão para aquilo que o corpo escuta da realidade enquanto campo de forças. Incorporando-se ao corpo como sensações, tais forças acabam por pressioná-lo para que as exteriorize. As formas assim criadas – sejam elas verbais, gestuais, plásticas, musicais ou outras quaisquer – são pois secreções deste corpo, como o sugere Fédida a respeito das palavras. Mais precisamente, elas são secreções de suas micropercepções. Elas interferem no entorno, na medida em que fazem surgir “possíveis” até então insuspeitáveis. É nestas circunstâncias que elas se fazem “acontecimentos” mudança de paisagem, criação cultural. Para Lygia Clark, a “verdadeira saúde” corresponderia à vitalidade deste processo. (ROLNIK, 2006 p. 5-6)

² Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555122-pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas?fbclid=IwAR1FW0NIt4JOoVAtr45pKnxrgujViaXjme_0qUSyCV77P_Btr0i5fHDtH18 acesso em agosto de junho de 2019.

Um povo sem pernas, mas que caminha

Aquí se respira lucha
 (Vamos caminando)
 Yo canto porque se escucha
 (vamos caminando)
 Aquí estamos de pie
 (Latinoamerica –Canção de Calle 13)

Para seguir caminhante nesse chão é necessário perceber que há uma nova crise mundial no sistema capitalista que eclode em 2008, e suas saídas baseiam-se na ampliação da exploração e da tirania, na imposição que os tempos de colônia latino-americana não sejam superados, ao contrário, sejam ainda mais intensificados na medida em que o capitalismo se impregna em nossas relações sociais, se globaliza, ou seja, se espalha como veneno pelo mundo todo, nos torna inimigos e capazes de produzir guerras e muita opressão.

Nesse sentido, os trajetos percorridos por Suely Rolnik em seu ensaio *o inconsciente colonial capitalístico*, nos ajudam a avançar

“Se a base da economia capitalista é a exploração da força de trabalho e da cooperação intrínseca à produção para delas extrair mais-valia, tal operação – que podemos chamar de “cafetinagem” para lhe dar um nome que diga mais precisamente a frequência de vibração de seus efeitos em nossos corpos – foi mudando de figura com as transfigurações do regime ao longo dos cinco séculos que nos separam de sua origem. Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação em seu nascedouro - ou seja, sua essência germinativa, bem como da cooperação da qual tal força depende para que se efetue em sua singularidade.” (ROLNIK, 2018 p 32.)

Saltitamos pelas praças quando percebemos que com muita intensidade, irrompem indignações e revoltas. Movimentos sociais em todos os cantos do mundo, entre diferentes povos que sofrem o efeito perverso desse regime no cotidiano. Os processos que irromperam do subterrâneo tomaram conta da superfície desse chão, criaram e reinventaram nas formas duras e ultrapassadas, a potência de germinar os novos modos de devir a vida.

Eduardo Galeano, um poeta e escritor Uruguaio, em uma entrevista por vídeo disponível na internet, quando acompanhava as manifestações que aconteciam na Praça da Catalunha, na Espanha disse: *“Vivemos num mundo infame, muito pouco alentador. Um mundo mal nascido. Mas há outro mundo na barriga deste, esperando... Que é um mundo diferente. Diferente e de parto difícil. Não nasce facilmente. Mas com certeza pulsa no mundo em que estamos. Há um mundo que pode ser pulsando no mundo que é”*³

.É por acreditar nisso, e na força da arte para parir esse mundo que seguimos em frente em nossa jornada...

Buscar entender as mudanças sociais e políticas que vivemos atualmente, perpassa por olhar o Brasil que é erguido há 500 anos nessas terras e o quanto o tipo de colonização e o subdesenvolvimento econômico produziram um abismo social e racial que nos atinge até hoje, e repercute em nossas relações e em nosso processo de subjetivação. Para acessar esse saber que foi tão afastado de nós, conto com o samba enredo de 2018 da escola Mangueira. Sua canção virou hino na boca, e samba no pé daqueles que se indignam. Com o nome de “História para ninar gente grande”, eles entraram em muitas avenidas do país, seu canto foi cantado por muitas vozes. Deram uma aula de Brasil, em verso, em dança, em alegorias, em emoção.

Cantamos e aprendemos:

Brasil meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lcCO_DbbiHo Acesso em fevereiro de 2019.

Tem mais invasão do que descobrimento
 Tem sangue retinto pisado
 Atrás do herói emoldurado
 Mulheres, tamoios, mulatos
 Eu quero um país que não está no retrato
 Brasil, o teu nome é Dandara
 Tua cara é de cariri
 Não veio do céu
 Nem das mãos de Isabel
 A liberdade é um dragão no mar de Aracati
 Salve os caboclos de julho
 Quem foi de aço nos anos de chumbo
 Brasil, chegou a vez
 De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.
 Mangueira, tira a poeira dos porões
 Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
 Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
 São verde- e- rosa as multidões.
 (Composição de Deivid Domênico, Tomaz Miranda,
 Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino)

Cantarolamos esse samba enquanto andamos por essas avenidas e por essas páginas de um campo problemático. Percebemos que ele se torna uma chave em nossas mãos, em nossa busca por um Brasil que não está no retrato. Inspiradas por Dandara, por Luiza Mahin, por Marielle, e tanta gente que passou por esse Brasil na busca de construir outro, e que em suas vidas construíram pontes de aproximação entre as pessoas e seus saberes, construíram fontes de conhecimento que se espalham pelos séculos, e garantiram que hoje, nosso trajeto fosse mais possível.

É por elas, as que vieram antes, que vamos adiante!

TOCCA> toca > tocar

>Terapia ocupacional, corpo, cultura e as artes> Habitat>Toque

As tocas são lugares de refúgio, esconderijo, abrigo, conforto.

As tocas guardam os bichos durante o inverno. Acolhem, protegem, cuidam.

O tocar é um mistério, a cada toque desvendado. Qual a sensação de ser tocada por outra pele? Como me toca o som daquele violoncelo? Como tocar um violoncelo? Como tocar um cavaquinho? Como aquela obra de arte me toca? Deixa eu tocar sua alma?

Tocar...

“O PROGRAMA TOCCA⁴: SABERES E PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES ENTRE AS ARTES E A SAÚDE completa, em 2020, 10 anos de existência, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, contando com a colaboração de artistas de diversas áreas e terapeutas ocupacionais na composição de suas proposições. Desde 2016, sua coordenação e atividades ocorrem entre os cursos de dança bacharelado e terapia ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria. Ao longo dos anos, já teve diferentes formatos, fez parcerias com instituições e coletivos de artistas, atendendo públicos diversos. Suas ações são construídas na interface entre os campos das artes e da cultura, da promoção à saúde, da produção de redes sociais e o campo da clínica em terapia ocupacional. Procurando observar, mapear e produzir dispositivos que propiciem uma ampliação das experiências de fruição e produção culturais. E também, ações no sentido do aumento da circulação e participação social, da promoção à saúde, do acesso a direitos sociais, da construção e problematização de projetos de vida, da ressignificação de lugares sociais oriundos de experiências de exclusão decorrentes da presença de sofrimento psíquico, deficiências e/ou da condição de vulnerabilidade ou isolamento social por razões diversas.(ANGELI; GRAVINA, 2020, p.03)

No TOCCA - projeto apoiado pelo FIEEX, eu aprendi a relação das tocas e dos toques. Foi no TOCCA que constitui redes, refúgios, resistências na prática cotidiana. Cavouamos um túnel na sala ensolarada (das raras!) do prédio de TO, e em um ambiente acolhedor, de produção de vínculos, de incentivo e confiança, pude desenvolver meu saber dentro da academia. Com cafés e diálogos. Entre risos e choros. Dentro da academia, descobrimos como ela está

⁴O TOCCA, já teve duas versões, uma como projeto de extensão(2010 – 2015) e outro na forma de programa, entre os anos de 2016 e 2019, chamava-se TOCCA: Programa transdisciplinar em Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes. Em 2020, por conta das necessidades que emergiram pelos lugares e encontros com diferentes sujeitos, ele ganha nova nomenclatura.

limitante. Mas não paralisamos, ao contrário, nos movimentamos mais, com mais frequência e intensidade.

Tempos sombrios requieren danzas furiosas! Vejo essa frase escrita em um muro. E penso que é um tanto disso que fazemos quando trabalhamos com corpo, cultura e artes na criação de terapias: Movemos o cotidiano das pessoas, COM as pessoas, imersas em seus contextos de vida.

E assim, construímos o eixo *Caminhando* do programa. Esse nome é certo para quem avança a cada passo dado, por menor que ele pareça.

Em Caminhando, de outro lado, experimenta-se das linguagens clínicas e das tecnologias de atenção em terapia ocupacional que potencializem tecer vínculos entre sujeitos, construir espaços mais cooperativos, desobstruir processos criativos, promover convívio entre as diferenças e a afirmação de modos singulares de fazer e existir cotidianamente. Este subprojeto toma a clínica também como criação. (ANGELI; GRAVINA, 2018)

Com esse trabalho nosso desejo era desbravar a cidade e suas possibilidades no contexto da produção cultural e artística. Desejo de conectar o cotidiano das pessoas – todas as pessoas, qualquer pessoa, humanas – com a arte.

Compreendendo como nos mostra CASTRO (2000) que:

“Arte e corpo são fenômenos que na nossa época, podem vir a auxiliar na compreensão do ser e estar no mundo com os outros e no encontro de um sentido para a própria existência... O artista, consciente e inconscientemente, dá forma à natureza e aos valores de sua época que, por sua vez, são responsáveis pela sua formação. No campo clínico esta interação também ocorre.” (CASTRO, 2000, p. 11)



Gare da Estação. Foto do arquivo pessoal, ano 2020.



Av. Rio Branco. Foto do arquivo pessoal, ano 2018.

ANDARILHAR COMO METODOLOGIA

Essa história é feita de andanças, muito caminhamos para fazê-la acontecer. Ruas e avenidas. Becos e vielas. Trilhos e trilhas. Praças e parques. Quarto e cozinha. Dias e noites que ela sentia um aceso e se punha a caminhar em mim, e a mim, restava sair caminhando por aí, na ânsia de dar um chão para essa pesquisa passar. Como se essa rua fosse minha...

Esse caminhar, no entanto, não é sem direção nem desconexo. Há sentido em cada passo, ainda que nos percamos nas ruas e curvas, existe um método, uma ciência, sendo apreendida em cada intervenção. Seguimos, passo por passo a cartografia - que é andarilha feito nós. É método de pesquisar e intervir na realidade, acontece na ação conjunta da reflexão, constitui-se como uma pesquisa-intervenção.

Em *Pistas do Método Cartográfico*, os autores tornam-se grandes aliados e mostram que “o ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem que emerge do fazer.” (PASSOS, BARROS, 2015, p. 18)

O método seguido nos possibilita acompanhar os deslocamentos que ocorrem no processo, tanto no objeto que se pesquisa, como em quem pesquisa. Analisar os efeitos que cada intervenção produz, as pistas que surgem, e com isso, orientar os rumos dos próximos trajetos a percorrer.

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. (PASSOS; BARROS, 2015, p. 30.)

A fragilidade de uma metodologia que considera o imprevisível como potência para ação é um talismã nesse trabalho, que compreende fragilidade não como ausência de força, mas como uma presença frutífera.

A cartografia exige da pesquisadora um corpo atento aos encontros e desencontros, aos acontecimentos do território que rodeia. O que eles movem?

Atenta aos sinais, que por vezes, as palavras não podem traduzir, mas existem e despertam mudanças de rota. Todos os acontecimentos da pesquisa intervenção são materiais relevantes para a construção da cartografia, e tornam-se pistas em nosso desafio de investigar.

Como ela me acontece?

A experiência de morar nessa cidade, de conhecer uma Santa Maria que mistura os traços dos costumes do interior com a diversidade das metrópoles, marcada por desigualdades e injustiças, obstruída por preconceitos e inacessibilidades que abafam, em seu interior, uma vastidão de possibilidades de criação e de vida. Essa pesquisa aconteceu na sensação de indignação. Com esse projeto de país neoliberal que produz nas cidades tanto adoecimento e opressão.

Indignada com todo esse sistema vou vagar pela cidade. Encontro gente que mora, que trabalha, que come na rua. Encontro prédios vazios, moradias desabitadas. Encontro jovens cheios de vitalidade indo e vindo das escolas ou universidades. Encontro com um contingente militar de rígidas ideologias e disciplinas, possuem armas, tanques e helicópteros, preparam-se para uma guerra, que sabemos, já acontece nas periferias da cidade. Encontro heranças católicas cultuadas até hoje e que colocam milhares nas ruas para pedir e agradecer em romaria a Nossa Senhora da Medianeira. Encontro tribos indígenas que se relacionam com essa terra de um modo repleto de significados, amor e respeito, preservando a cultura ancestral dos povos originários.

Ando por essa cidade e a história dela penetra minhas veias, gera perguntas, devaneios, imaginações. Atravesso a Avenida Rio Branco em estado de contemplação, pousando o olhar vagorosamente por cada casa e prédio que existe ali, com a arquitetura tão única de um tempo passado, mas que permanece até o tempo presente. Devaneio sobre a vida e as mãos de quem souou e trabalhou para fazer de uma grande avenida, uma exposição de arte que emociona. A estação de trem que mesmo abandonada, segue vibrando a glória de um povo que construiu trilhos e trens de ferro, que serviu de cenário para tantas chegadas e partidas, de chão para uma vastidão de pés. A vila belga com

suas casas antigas e coloridas construídas para abrigar os trabalhadores imigrantes da Bélgica e suas famílias, que viam no Brasil uma chance de viver. Essa cartografia aconteceu na contemplação daquilo que permanece e também na imaginação daquilo que desaparece. Ela acontece ali, nas tantas dimensões de forças que atravessam a cidade desde sua formação até os dias atuais.

A investigação buscou conhecer a história de Santa Maria e desvendar o que era aceito como cultura e arte nesse solo. Fui em bibliotecas e museus, pesquisando em plataformas virtuais e diálogos reais. Tracei um início, não só da pesquisa, mas também do entendimento sobre as estruturas que ergueram e sustentam a cidade.

Gritos. Desequilíbrios. Tropeços nas calçadas desniveladas. É que essa pesquisa acontece por percepção. E perceber que a cidade que vivemos, com suas praças e bancos, casas e varandas, foi erguida na violência e no massacre, e que até agora, pleno século 21, alguns precisam morrer para outros usufruírem sua riqueza é devastador. Fui longe demais, me perdi nas ruas e nas linhas. A pesquisa travou as pernas.

E novamente, os autores traduzem o vivido em palavras que se tornam cordas para segurar.

Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar, etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação. (PASSOS; BARROS, 2015, p 30-31)

A cartografia aceita as pausas e os pousos sabe que ali também há movências, e com elas, meu pesquisar voou por outros rumos. Inicialmente relutei em fazer do meu trabalho de conclusão uma narrativa das experiências como acompanhante terapêutica, por achar que essa experiência já estava escrita nos relatórios, já era refletida nas supervisões. O desejo era de que a

pesquisa fosse além de mim, respondesse perguntas maiores. Precisei, literalmente, errar o caminho enquanto estava em at, para entender que essa experiência era a minha pesquisa encarnada. Afinal, é nesse acompanhar que meus passos saltitam pela singularidade que habita cada ser e alcançam a novidade de cada momento, reinventando-se já na próxima esquina.

A investigação precisa dar meia volta e voltar ao início dessa trajetória, relembrar os acontecimentos que nos trouxeram até aqui, revisar as anotações guardadas nos cadernos. Aprender novamente, de outros modos. Refiz os caminhos. Tracei mapas: Do acompanhar na Escola municipal de artes, entre aprender esculturas, ousar danças e escritas, estagiar no Museu de Arte de Santa Maria (MASM) e passear pelos espaços de criação que os artistas fazem nas ruas da cidade. Reencontrar com as forças necessárias para destravar as pernas e seguir essa andança.

Em meu percurso, o efeito da transformação que o fazer artístico possibilita, é sentido de um modo: Transformo a mim e meu cotidiano, ao mesmo pé, que percebo as transformações vibrantes do corpo e do cotidiano de quem eu acompanho. A ação do nosso trabalho demonstra que as teorias estudadas são potentes e efetivas – aquilo que tem efeito. É que essa pesquisa acontece por contágio.

Tal processo se dá por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo. Propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão. Nesse sentido, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, **constituir-se no caminho**. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção. (PASSOS; BARROS, 2015, p.31)

Desviamos por uma viela, e o desvio tornou-se passagem para novas paisagens. Andamos agora, conscientes da realidade dura desse território, mas motivadas pelo potencial da arte em romper as durezas da rotina e criar curas no cotidiano. Fazemos dessa cartografia intervenção clínica, estética e política, que cresce e se desenvolve passo por passo, como em uma dança.

No meio do caminho uma pedra pareceu ser o caminho.

Pedras são sonhos na mão, voam na imensidão

Ideias que ganham vida e criam asas

Voam na imensidão, meus sonhos minha canção

Pedras e sonhos são nossas únicas armas

Pedras são sonhos na mão

Flores que brotam, brotam do chão

Se as pedras não voam os sonhos são em vão

Em tempos de escuridão, o sol se põe

Mas se um dia as pedras cantam...

Se um dia as pedras cantam...

Se cantam as pedras os sonhos dançarão

E eu quero ver quem vai dançar!

(Canção Pedras e Sonhos, composta por El Efecto)

Dispara a corrida para fazer uma pesquisa... Agora vai. Agora vou. Primeiro semestre do ano de 2020: Suicídio, pandemia, vulcões em erupção, confusão e barbárie. Paralisia. Paralisei. Mas estou saudável, lúcida e acordada, sinto vontade de gritar e despertar o mundo inteiro aos gritos.

“Não consigo respirar profundamente. Tem um grito trancado na minha garganta. O ar não consegue passar. O grito não consegue sair. O grito parece ser capaz de fazer um vendaval, alvoroço, destelhar, derrubar folhas e galhos que o outono ainda não levou. O grito parece ser de dor, de raiva, de desespero, de medo, de sofrimento. De quem não aguenta mais sofrer. O grito trancado não parece ser só meu. Parece ser de todas nós. Parece o grito da fome ou o grito da vida que precisa de ar e fôlego. Mas o grito tranca na garganta, emudece, obstrui a passagem. Não consigo respirar nem gritar profundamente. A verdade é que consigo gritar, mas não consigo...Esse é o desespero! Não consigo dar o grito que vai me limpar e livrar de tanta dor, que vai deixar o ar passar. Eu tranquei todos esses gritos e agora são tantos que me assustam.Sou puxada pela correnteza furiosa das águas da emoção. Ergo a cabeça para puxar

todo o ar, e quando mergulho solto o ar e o grito. Transbordo em ondas oceânicas nas terras desertas de silenciamentos. Respiro no encontro das águas e do ar. “ (Diário de trajetória)

Caminhando só em casa a pesquisa desanima, desacredita e descansa. Teima e tenta andar por onde não tem caminho.

Teima: - Por onde tem caminho?

Questionar já faz avançar uns passos! É que essa pesquisa acontece por teimosia.

Com o procedimento de criar narrativas das experiências estéticas, clínicas e políticas que vivenciei faço com as pedras outro caminho para essa cartografia. Faço da leitura dos diários e da escrita das memórias, grandes aliadas que me mostram os sinais de como prosseguir. Componho a pesquisa com fotografias, canções e poemas de artistas brasileiros e latino-americanos que tocam meu corpo e convidam meus sonhos para dançar.

Preciso escrever sobre o que acontece. Vou mudar as coisas de lugar. A pesquisa mexe as pernas, desliza por baixo e escapa. Nada segura a força de criação do que é vivo. Alcanço o movimento e encontro passagem. Escrevo e leio aos gritos. Escrevo e solto o grito. Ainda posso me mover. Alívio.

Essa cartografia torna-se uma brecha para dizer do potencial da arte em produzir significados para a vida. É um narrar para expressar o cotidiano vivido na busca de aprender sobre a saúde das pessoas. É um desejo de tradução para as percepções de uma acompanhante, durante o acompanhamento de um processo histórico que faz marcas irreversíveis em nossos corpos.

Com ANGELI (2014) seguimos e:

“Aprendemos a cavoucar ao longo do nosso trajeto de trabalho, fazer buracos nas palavras que compõem o TOCCA – terapia ocupacional, corpo, cultura e as artes. Com algumas nos detivemos mais e, em outras, indiretamente reconhecemos o efeito e os rastros desterritorializantes, tentamos fazê-las virar, revirar para não adoecerem fixas em sentidos únicos, para não colarem rapidamente nas explicações dominantes. Talvez esse tenha sido o procedimento. Narrar para atravessar o indizível e o invisível, para dar corpo às marcas do vivido e sair da paralisia, para fazer túnel.” (ANGELI, 2014, p. 133)

Ouso desejar com essa cartografia fazer pedras voarem e cantarem pela cidade. Refaço as rotas e aponto outra direção. Nada será como antes!



Av. Roraima, UFSM. Foto do arquivo pessoal, ano de 2019.



Hall do prédio de Terapia Ocupacional. Foto do arquivo pessoal, 2018.

APONTE OU A PONTE

Ê, a nuvem vai fazer chover
Lavar a terra maltratada
Sem teu amor, não sobra nada
A gota d'água pra viver.
Tão seco assim não brota nada
És minha santa, és minha amada
Fui te encontrar pra me perder
Aponte que eu não enxergo quase nada
Nem assovio, nem um pio
Pode vir raio ou trovoada
Eu não arredo desse rio
Aponte onde dá o norte
Aponte onde leva o rio

Composição: Lan Lan / Nanda Costa / Sambê

“Não deve haver norte para nós, exceto em oposição ao nosso sul. Portanto, agora nós viramos o mapa de cabeça para baixo, e então temos uma ideia verdadeira de nossa posição, e não como o resto do mundo deseja. A ponta da América, desde agora, prolongando-se, assinala insistentemente para o sul, nosso norte.” Joaquim Torres Garcia

Aponte que eu não enxergo quase nada. Limites territoriais. Linhas imaginárias que dividem hemisférios no planeta, na cidade, no corpo.

A disputa por territórios no planeta fez os reis dos impérios europeus mandarem tropas para nosso território, hoje América Latina. Assim surge Santa Maria, uma cidade repleta de linhas imaginárias que limitam as pessoas desse

território. Os limites são reforçados e se repetem há séculos. Vida estagnada em movimentos repetitivos.

“Caetano não tem muitas vontades, ele só repete!” Ouço sua mãe dizer quando nos conhecemos. Foi a primeira coleta de história de vida que fiz a uma família, estava no terceiro semestre da graduação e era voluntária no TOCCA, no ano de 2016. Essa frase ressoou, me afetou e produziu efeitos, vez ou outra, volta a minha cabeça, e agora não mais com tristeza, mas com energia e com ânimo de perceber que nossa relação se move por nosso desejo, se processa por nosso vínculo.

Caetano é um dos muitos que nos rodeiam, homem adulto de olhar distante, de passos e gestos mecânicos, com uma voz que pouco se escuta e com as golas das camisetas roídas. Vivendo a rotina dentro de diversas instituições clínicas, preocupadas demais com seu diagnóstico de autismo e epilepsia. Ele é mais um dos tantos que, em nome da saúde, corre o risco de ser apagado em seu modo diferente de ser, por uma sentença que o amarra na busca torturante por adaptar-se ao que é aceito como o modo normal de existir, nessa sociedade adoecida de preconceitos. Caetano pode ser Gilberto ou Bethânia, pode ser Francisco ou Milton, pode ser Ivone ou Alcione. De algum modo, é todos. Caetano é comum como nós somos em nossas singularidades, é um de nós que ousa existir com seu próprio ritmo, gesto, compasso, riso, silêncio e atenção. Mas o estranhamos. Porque não ousamos? Porque nos adaptamos? Fabulo aqui a história de uma dessas incontáveis pessoas que nos levam a reflexão acerca de quem/o que é que precisa de cura.

Convivemos inicialmente no ambulatório de terapia ocupacional da UFSM, lá através do trabalho do grupo de extensão, perspectivamos a constituição de um grupo de acompanhamento terapêutico que pudesse experimentar junto. Saímos à procura de pessoas que quisessem entrar nessa aventura, e encontramos muita gente. Só algumas nos encontraram.

O encontro potente com Caetano aconteceu nesse período, nos trouxe até aqui e ainda avança. Mas além dele, conhecemos outros sujeitos que chegavam ao grupo aos poucos, lentamente, de longe, só observando e, às

vezes, dando risada. Nossa motivação com essa experiência era conhecer, investigar, nos aproximar do jeito de ser de cada um e incentivá-los na busca de conhecer-se melhor também.

No trilhar do meu processo como estudante questões foram levantadas. Como me aproximar e me vincular as pessoas? Como vivencio novas experiências para propor e contribuir com a ampliação de repertórios dos outros sujeitos? Como fazer junto do outro? Como me investigar me permitir, experimentar, cuidar e criar no cotidiano?

Nesse sentido, minhas descobertas nas aulas da disciplina de Atividade e Recursos Terapêuticos I ampliaram as possibilidades de existir. Naquela sala úmida e escura, mas que fantasticamente se coloria nas quartas de manhã. Pude sentir a beleza do efeito que essa descoberta gera em nossa própria vida. Conhecer artistas e seus processos criativos, os materiais e raciocínios que usam para fazer as obras. Experimentar esses materiais e construir meu próprio raciocínio, meu processo criativo. Ouvia as aulas teóricas com o encantamento de quem ouve as ondas do mar. Gostei e desejei tanto aprender sobre aquilo. Mergulhava nas aulas práticas, sentava no chão da sala de aula e todo meu redor se desfazia. Era eu, as tintas, as folhas, os pincéis, a argila e diversas possibilidades para criar.

Naveguei com Marina Abramovic, Frida Kahlo, Ligia Clark, Bispo do Rosário, Tarsila do Amaral, Ferreira Gullar, Eduardo Galeano e tantos outros que se aproximaram e remaram junto. A vastidão das águas do saber/ fazer artístico começou a ser um lugar que eu desejava desvendar. Ao fim da disciplina, entendi que toda movimentação que estava acontecendo, era apenas a superfície de um oceano profundo e completamente desconhecido. E eu precisava conhecer.

Esses ensinamentos foram as ferramentas mais valiosas que ganhei para seguir a andança de cuidado e criação no cotidiano. Com elas, a atuação no grupo de at. foi moldada por meio de pinturas, esculturas, música, danças, conversas, piqueniques, na troca de conhecimentos acerca da rotina de cada um dos integrantes. Depois dos primeiros meses já não conseguíamos seguir dentro do ambulatório. Queríamos caminhar até a biblioteca, até o bosque, até o Centro

de Artes e Letras (CAL). Queríamos vivenciar junto o campus, e fomos! Foram tardes repletas de significados e ressignificações. Acompanhar a descoberta do novo e as sensações geradas. E tudo era novo naquele trajeto até o CAL, tantas formas de chegar até lá, de perceber as árvores e prédios do trajeto, de admirar e se espantar com o cenário, que já se tornava imperceptível na dureza da rotina.

“Sentamos em um banco feito de pedra com uma escultura de corpo e rimos juntos. Alguns nunca estiveram ali antes, outros nunca haviam reparado, e outros nunca tinham percebido o quanto era bonito.” (diário de trajetória, 2016)

Aquele passeio nos encheu de ânimo para viver novas caminhadas. E era na rotina da cidade que queríamos interferir com nosso trabalho. O ano mudou e com ele mudam-se os planos, desfizemos o grupo, alguns participantes não poderiam continuar, e compreendemos que era mais interessante as alunas do projeto acompanharem um sujeito no território, na busca de enlaçar a arte com a rotina, e acompanhar o que isso gera na produção de saúde e no cotidiano da cidade de Santa Maria.

Nossa caminhada seguiu atravessando indizíveis, invisíveis e inesperados acontecimentos, no acompanhar do processo de aprendizagem, do processo clínico e do processo do fazer em arte, que encontramos nos túneis de barro desse território.



A experiência de manusear uma argila foi a experiência criadora do Caetano dessa história, que era tão ausente e quieto, mas de repente cantarolou a música do rádio com as mãos sujas de barro. Nesse instante sentimos que havíamos dado passos no sentido de nossa aproximação. A ponte ganhou seus primeiros tijolos. (diário de trajetória, 2017)

Deslocamentos radicais

Retirar-se do local costumeiro e adentrar radicalmente no ambiente imprevisível. Foi precisamente isso que desenrolou meu processo de aprendizagem na relação com o processo clínico de Caetano. Eu, estudante de escola pública no interior do interior do Rio Grande do Sul, acessei o estudo de terapia ocupacional na universidade pública, e até então, compreendia a atuação profissional nos locais instituídos de serviços da área da saúde.

Meu deslocamento foi sair de instituições de ensino públicas profundamente distorcidas em suas funções, por uma lógica de competitividade e amoldamento a ordem social dominante. Além, de sair do ideal imposto de que os serviços de saúde são oferecidos restritamente, nos espaços hospitalares, consultórios, centros de atenção psicossociais, unidades básicas, ambulatórios, entre outros; e claro, vestindo um bem passado jaleco branco com o nome bordado. Local costumeiro da prática em saúde.

No entanto, aprender que a clínica é espaço de criação, e a produção de saúde é criada no cotidiano das pessoas e dos territórios, aponta a necessidade de partir em retirada desses padrões pré estabelecidos. O caminho determinante é a abertura aos novos conhecimentos, a aventura de viver experiências únicas de criatividade e invenção que ofereçam saúde. Adentrar radicalmente no ambiente da rua, dos espaços de produção de arte, distantes ao máximo dos espaços institucionais da clínica em saúde, aos quais já estávamos esgotados de (des) habitar. Abrir-se para sentir no próprio corpo as modificações que eram despertadas, enquanto acompanhava as modificações experimentadas por Caetano.

Perceber que nossa presença nesses lugares mexia nas linhas fronteiriças das pessoas, nos limites dos territórios “normais”, e espetacularmente, desmanchava os movimentos repetitivos de uma rotina estagnada – em mim, em Caetano, e em cada uma das pessoas que interagiram ou, tiveram que interagir com nós durante as andanças.

Nosso caminhar pelas ruas centrais e históricas dessa cidade, ora saltitavam pela denúncia de que a normalidade é a exclusão de pessoas, é os olhares de repressão e humilhação, e as palavras que menosprezam e desmotivam. Ora, saltitavam pelo anúncio de que a diferença é grande riqueza de um povo, que manter-se saudável é não nos adaptar ao que nos adocece, e que para nos animar em um contexto social difícil, podemos sim cantar nas calçadas, inventar poesias nas sombras, lambuzar-se de sorvete desavergonhadamente, aguardar a passagem do trem, enfim, contemplar as expressões artísticas que estão a nossa disposição em uma quarta feira qualquer do mês.

Compartilho as narrativas criadas que contam como esses processos se teceram no cotidiano.



Cafeteria na Av. Rio Branco. Foto do arquivo pessoal, ano 2019.



Estádio da Brigada Militar. Foto do arquivo pessoal, ano 2019.

Atravessando as ruas do indizível

Chegamos até a escola de artes, subimos as escadas, passamos pela sala onde há pessoas fazendo teatro, cruzamos uma sala onde outras pessoas fazem pintura, entramos na sala onde há argilas e pessoas que fazem esculturas. E ali sentados permanecemos, pertencemos. Somos bem mais que acompanhado e acompanhante em processos clínicos. Somos aprendizes da arte de esculpir, somos artistas. E uma vastidão de possibilidades de vida abre-se com esse fazer. Para Caetano e para mim o cotidiano nunca mais foi o mesmo.

A Escola Municipal de Artes Eduardo Trevisan – EMAET é um lugar que vibra, localizada na Vila Belga, ao lado da gare da estação ferroviária, ao fim da Avenida Rio Branco, constituindo um cenário incrível de respiro da produção artística e cultural, bem dentro de uma Santa Maria onde os tanques e helicópteros de guerra enfeitam as ruas. Nas palavras do diretor: “A escola Eduardo Trevisan é o encontro da arte com o povo santamariense, nasceu da indignação e da necessidade que esse povo tinha de ter uma escola que atendesse toda população sem distinção.”

Saímos da escola de artes e caminhamos até a Gare da Estação entre barracas de feirantes com frutas, lanches e artesanatos. Compramos um pastel e vamos sentar na beira dos trilhos. Ouvimos o apito do trem ao longe e uma sensação de entusiasmo em poder ver o trem passar nos invade. Aguardamos sua chegada. O som do apito se aproxima, o trem está vindo, contorna os morros e aponta na estação. Caetano tem o olhar fixo, concentrado, todo seu corpo aguarda o momento em que o trem chega e um barulho intenso toma conta do lugar. Sorrimos, brincamos feito crianças, ficamos animados. O trem segue seu trilhar e nós seguimos o nosso caminhar.

É uma tarde de céu azul e sol quente na Boca do monte, compramos um sorvete e sentamos em um banco da Avenida Rio Branco. Trocamos risos ao saborear o sorvete, lambuzamos o rosto e as roupas. Caetano, em silêncio, ouve

enquanto eu falo de como acho bonita essa rua com sua arquitetura secular, e de como me encanta olhar as montanhas que parecem tão perto de nós. Sua presença naquele banco, ao meu lado, com seu sorvete é tão forte e real que me emociona. Preciso silenciar também, a voz embarga, lágrimas molham o rosto. Percebo que estou partilhando com ele cenas e cenários do meu próprio cotidiano, sinto a potência de nossa relação e do vínculo que criamos, me vejo acompanhante dos processos de vida.

É uma manhã quente de agosto, a ausência de nuvens e o clima abafado parecem convidar a gente para ir até o parque Itaimbé, junto das árvores e suas sombras refrescantes. Na mochila levo livros de poesia e uma vontade de fazer um piquenique. Caetano gosta da ideia, no mercadinho escolhe chocolates e coca cola, no parque faz seu lanche, deita-se na grama e contempla o céu e a copa das árvores que balançam. Leio alguns poemas em voz alta e lhe incentivo a inventarmos uma poesia também.

Nesse momento Caetano senta e começa a criar nosso poema:

“Alguma coisa de história

nos contam na escola

um livro para ler

um povo para conhecer

uma bruxa para pentear o cabelo

um pente para escovar os dentes

um café para tomar.

Um mundo para desvendar!”

Vamos mensalmente ao Museu de Artes de Santa Maria - MASM, o trajeto até lá gera inúmeras experiências. Caminhar pelas ruas, pegar ônibus, acessar

o museu. Olhar exposições tão diversas e sentir emoções diversas ao entrar em contato com elas. Perceber a angústia de adentrar a um lugar desconhecido nas primeiras visitas, e agora, ouvi-lo conversando em frente aos quadros, expressando seus sentimentos e os pensamentos que as obras lhe provocam. Ter de insistir para ir embora, e ganhar uma gargalhada ao lembrar que mês que vem retornaremos para uma nova experiência.

Os fragmentos de cenas desse processo revelam a delicadeza desse acompanhar que é feito na composição dos acontecimentos, que não tem fórmula nem receita que dê conta de traduzir, muito menos treinos dentro de quatro paredes que possibilitem esse cuidado, feito na experiência viva de sensações. Concordamos com o autor que diz: “O AT se apresenta como um ator que leva o cuidado ao sujeito fora dos muros institucionais, atuando no percurso de suas vidas, em sua relação com o mundo.” (NETO; AMARANTE, 2013, p.971)

Nas cenas e cenários da EMAET, traçamos o convívio num ambiente que tem por objetivo ensinar arte. Não íamos lá buscando tratamentos com argila. Íamos para aprender a esculpir, para ter experiências que nunca ousamos imaginar. Com esse fazer, compreendi na prática o que já haviam me ensinado nas aulas: É quando nós nos abrimos para explorar diversas experiências que descobrimos nossas potencialidades. Muito de nosso potencial permanece adormecido até que haja um calor que o faça pulsar e acender em nós.

Imergir nos territórios da Arte, pelo viés da Terapia Ocupacional, nos conduz a um confronto com um campo de conhecimento, um universo fascinante constituído de materialidade, espiritualidade, criação, referências, dificuldades, um caminho de busca. Este movimento proporciona um fazer que pressupõe sensibilidade, observação, improvisação, expressão e composição através do desenvolvimento das linguagens artísticas. (CARRARO, SILVA, 2014, p 242)

Durante um ano, frequentando as aulas de escultura com Caetano, descobri que posso revelar a artista que me habita, e inventar obras de arte com o artista que habita nele. A expressão artística proporcionou que

encontrássemos uma linguagem comum e permitiu que acontecessem aproximações dos corpos/mundos tão diferentes que carregamos. O fazer manual e sensível foi moldando no bloco de terra, vagarosamente, a ponte que nos levaria para novas estradas.

Nesse sentido, compreendemos que “a aprendizagem inventiva é, ao mesmo tempo, a aprendizagem da cerâmica e a experiência da criação continuada, tanto do mundo quanto de si mesmo, com todos os elementos de surpresa e imprevisibilidade que ela envolve.” (KASTRUP, 2008, p.194). São esses elementos que também compõe a aprendizagem de tornar-se at. No cartografar desse processo, o desenvolvimento de minha capacidade de invenção constituiu um modo de ser at. Enquanto, o at gerou inúmeros processos de invenção durante a caminhada.

O trecho a seguir aponta tanto para o trabalho com a escultura, quanto o trabalho como at. KASTRUP (2008) escreve:

O trabalho com a argila tem um notável contingente de imprevisibilidade. Talvez por isso os ceramistas digam que ela tenha vida própria. Por mais que se tenha dela conhecimento técnico, não se presta a um domínio completo. Ela pende, racha, encolhe, cresce, quebra, de modo mais ou menos imprevisível. O desafio é aprender a lidar com tal imprevisibilidade, não apenas no sentido de tolerá-la, mas também de conseguir tirar partido dela, incluindo-a no processo de invenção. (KASTRUP, 2008, p.192).

Quantos foram os momentos em que foi preciso desfazer as expectativas para viver o encontro? Os desejos de ver Caetano continuando as obras viravam pó, enquanto percebia que ele na verdade, queria desmanchar a obra. Acalmar a ânsia de querer ver a escultura pronta. Respeitar o ritmo de cada sujeito criar. Compreender que criação é também destruição. Valorizar os processos que a convivência movia naquele grupo de corpos aprendizes da arte.

Os escritos de LIBERMAN (2010) são como bússola para manter-se andarilha:

Neste sentido, a clínica busca materializar a idéia de uma “saúde” do corpo ligada à capacidade de manter-se em estado pulsátil, ou seja, ora contrair-se ora expandir-se, ora ir em direção ao mundo, ora recuar para assimilar as experiências (Keleman, 1992), manter-se num

continuum de desmanchar e reconstruir. Neste entrejogo, a possibilidade de formar corpos mostra-se relacionada com a capacidade do sujeito de conectar-se, ser atravessado pelos mundos, afetar e ser afetado por eles. As experiências moldam os corpos. (LIBERMAN, 2010, p. 71)

Mais adiante no percurso, compartilho momentos com Caetano nos ambientes repletos de significados afetivos da minha rotina. Os lugares criam nossa subjetividade, o contrário também acontece. Novos coloridos pintam nas calçadas. As fabulações com o passado desse território por vezes me afastaram da percepção para o fato de que, as histórias que vivo atualmente nessa paisagem, também criam marcas e acontecimentos. E o presente exige de nós uma presença atenta.

Perambular por esses lugares com Caetano abriu outros significados. Lambuzar de sorvete o rosto, as mãos e as roupas em um banco da Avenida despertaram olhares de estranheza e incompreensão. Olhares que me alcançaram de formas violentas. Caetano comia e olhava a sua volta – olhava de volta, silenciosamente. Eu era atingida por cada um que passava como olhos de “*que gente esquisita*”. Falava e falava sem parar os devaneios que tenho com as casas da rua. Meio querendo amenizar o escândalo, meio querendo caber em algum lugar. Até que Caetano me olha nos olhos, abre sua boca quieta para um sorriso gentil que revela a serenidade e a força da sua presença ali. Seus olhos alegres mostram aos meus que a única incomodada na cena era eu. Silenciei. O corpo agitado foi aquietando-se também, os olhos aguaram lágrimas de emoção. Nesse instante soube que ser at é acompanhar e ser acompanhada pelo o outro. Ao facilitar sua presença nos lugares, ele também possibilita a minha presença. É uma relação de troca, todos têm o que aprender e o que ensinar. Acompanhar processos de vida é também ver sua própria vida se processar no acompanhamento.

Sustentadas pelas autoras que indicam as pegadas seguimos:

Todo processo de aprendizagem implica a possibilidade de se deixar afetar pelo encontro com saberes e formas de fazer até então desconhecidos, o que é necessariamente acompanhado de uma transformação em certas configurações de si. Formar-se terapeuta ocupacional é preparar-se para um exercício profissional que se ancora

nas relações. Isso requer construir um corpo que possa sustentar os encontros com outros corpos, acolhendo momentos de impasse e dor e criando, do interior desses encontros, caminhos e possibilidades de seguir na existência, de modo criativo e formativo. (INFORSATO et al; 2019, p. 138)

Precisei andar por muitos quilômetros para conseguir que os olhares e comentários de desprezo não fossem sentidos como tombos que ralavam os joelhos e geravam paralisias. Com o olhar encantado que Caetano coloca nas coisas simples, como os telhados. Com as cantorias que fazemos enquanto caminhamos. Com sua risada ao chegar à praça. Com seu caminhar que, de tão animado, tem um ritmo saltitante pude sentir alívio. Consegui nos movimentar com as situações dolorosas que enfrentamos.

Bem no meio dessa rua proponho uma pausa. Junto uma pedrinha e escrevo na calçada. Refaço as questões: O que é que precisa ser curado? Por que não ousamos viver com nossas diferenças? Com INFORSATO (2005) as palavras são as próprias pedras que provocam a “pensar que ali reside uma estranheza capaz de produzir outras ordens no mundo, ainda que seja o mundo daquele grupo. Fazer pensar a vida, obrigá-la a se pensar” (INFORSATO 2005, p.934). E assim, permitir relações sociais que sejam como as tocas; habitats onde possamos ser quem somos a cada estação, e tenhamos o suporte acolhedor da uma manada⁵ para viver a abertura de novas experiências e sensações. Que possamos ser e sentir na singularidade, tal qual somos. Não como esperam que sejamos. Não como querem que sejamos. Não do jeito “certo” de ser. Mas, como se é e reticências...

⁵“Manada”, espetáculo de conclusão de curso dos estudantes de bacharelado em dança da UFSM em 2019, foi parte das experiências de caminhada. Nos encontramos com os bailarinos e seus processos de criação em alguns momentos nos grupos de orientação. Andréa, por conta de uma pesquisa que realiza com eles, juntava-nos em momentos de partilhas de processos. Acompanhar e assistir ao espetáculo moveu-me, deslocou-me, afetando o percurso dessa pesquisa.



Janela no luar. Foto do arquivo pessoal, ano 2020.

VOU MUDAR AS COISAS DE LUGAR

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente:

Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois,
em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht

Já não caminho nas ruas, apressada para chegar durante o dia e vagorosamente passeando durante o anoitecer. Mas observo as árvores e a mudança das Estações nas janelas, imagino com as luzes do céu, me encanto com a vista para as montanhas, bem ali, no fim da rua. Não acompanho nenhum caminhar pela cidade, só acompanho meu movimento dentro de casa. Não sento na praça com Caetano, não como os pasteis da banquinha daquela senhora simpática, não entrego panfletos para conversar sobre política com as pessoas, não vou para a universidade, não encontro minhas amigas. Acompanho agora só meu próprio trajeto de ir e vir entre os cômodos da casa. Quarto, banheiro, cozinha, sala e pátio. Que benção ter um pátio! Um espaço grande para ver o céu e o luar, sair dos limites do telhado e perceber o infinito. Mesmo assim, é dolorosa a sensação de não saber, não controlar absolutamente nada, não sair de casa, não encontrar as pessoas que ama. Lutar contra o desespero, o medo e a raiva que insistem em nos levar com eles. Eu cerro os dentes e durmo pouco. O gosto do café com canela melhora meu ânimo. Penso sobre qual música ouvir para dar o tom do dia, na maioria escolhi as que poderia cantar e dançar com meu sofrer. As que mexiam nas feridas e carregavam as dores para a superfície, convocando a olhar e encará-las. Danço livremente com uma fita e muita raiva

na sala de casa. Quando, o som estridente do contêiner de lixo me rouba a atenção. Através da janela vejo uma jovem mulher recolher o lixo e procurar o alimento, o sustento. É aterrorizante o fato de essa cena ser tão recorrente no cotidiano. Quero gritar, quero chorar até cansar o peito. A ferida da desigualdade machuca, lateja, desorienta de tanta dor. E também pode amortecer quem não enxerga. Muitas famílias procuram no lixo o sustento. Ou se morre de vírus ou se morre de fome no Brasil dos banqueiros. Mas a mulher catadora cantarola uma canção enquanto procura. É triste como a canção que eu danço. Eu quero gritar, quero chorar até cansar o peito. Porém, a mulher canta, e se ela canta há motivos para dançar. Há motivos para seguir lutando no Brasil do povo brasileiro. (Diário de trajetória, 2020)

Em todos os lugares desse planeta os seres humanos precisam se afastar dos outros seres, isolarem-se para salvar uns aos outros. Há um vírus capaz de nos disseminar com uma velocidade assustadora. Uma pandemia significa que em todos os continentes milhares de pessoas morrem a todo o momento. Era pra isso o lance da Globalização? Ao que tudo indica, era sim. Viemos parar aqui. Paralisados. O lugar vai mudar as coisas de nós

Conectar com as forças do presente... Expressar o que captamos do momento. Instigada por essas palavras percebo que há modificações que precisam ser feitas. Como encontrar disposição para fazê-las no presente? Como desnaturalizar os hábitos que podem nos salvar da desumanização produzida pelo vírus do capitalismo?

Desconfiar, examinar, refletir e mover o que parece habitual pode nos soltar das amarras e mordidas coloniais. Existem hábitos que foram impostos com violência, e a passagem do tempo, o apagamento da história e da memória coletiva fez com que se tornassem costumeiros. Mas não há naturalidade incontestável e, tampouco, impossibilidade de mudanças.

Viver no período de uma pandemia é sentir tudo mudar. Os dias não funcionam com rotinas previamente estabelecidas, a qualquer instante o desespero pode nos encontrar na cozinha fazendo comida, e insistir até que desligamos o fogão e sentamos para chorar ou gritar. Um dia há pilhas de corpos

mortos. Coveiros não dão conta de tanto trabalho. Os rituais de velar os mortos e encontrar os vivos para partilhar a dor e as lembranças estão proibidos. Trabalhadoras da saúde se contaminam e morrem no serviço de buscar curar. A percepção do tempo se alterou bruscamente. Que dia da semana é hoje? Aquilo aconteceu ontem ou semana passada? O cotidiano está desorganizado.

De habitual, segue só o modo da polícia militar operar. Invadem as periferias e assassinam crianças e jovens negros dentro de casa. Os governantes, habituados em desprezar a vida do povo, debocham da dor e causam mais sofrimento. Viver a pandemia do Covid 19 e perceber que os problemas que ela escancara já estavam entre nós. Não é de agora que o sofrimento alcança níveis pandêmicos. Tem classe, raça e gênero que sente a pandemia, enquanto a outra provoca. Será que nesses cinco séculos de Brasil, a opressão e a exploração deixaram de ser um hábito? Em algum momento dessa história cessaram as atrocidades cometidas por ganância e dinheiro? Será que nos acostumamos com a tirania no poder controlando nosso tempo, trabalho e corpo?

Não aceitamos a normalidade como coisa natural. Durante o processo de escrita da pesquisa vou sendo atingida pelas notícias que chegam: A tragédia de já perder mais de 135 mil vidas, amores de alguém, histórias brasileiras. Mas a problemática da subnotificação dos dados alerta que esse número é muito maior.

O chão a partir de agora, parece ser feito de ruínas, porém, uma frase feita em poesia e súplica torna-se prece durante a travessia: *Nada deve parecer impossível de mudar. Desconfiai!*

Por mais distante o errante navegante

(...) De onde nem tempo, nem espaço

Que a força mande coragem

Prá gente te dar carinho

Durante toda a viagem

Que realizas no nada

Através do qual carregas

O nome da tua carne...

Terra! Terra!

(Terra, composição de Caetano Veloso)

Qual clínica a gente vai alimentar nesse período? Acompanhar por vídeo ligação é viável? “*Precisamos nos adaptar!*” A gente nunca quis se adaptar. Como não nos perder seguindo caminhos impostos? Como ser at sem estar na rua? Como fazer um acompanhar, que tenha efeito terapêutico, sem a presença real dos corpos que se encontram? Como cuidar do outro se sentindo tão vulnerável e fragilizada? Como continuar estudante na universidade, enquanto destroem mais intensamente o direito a assistência e a moradia estudantil, e precisamos nos organizar em campanhas para garantir a alimentação de colegas? Como fazer se a alternativa para a educação pública é acessar aulas remotas por plataformas virtuais? Como permanecer estudando sem condições de alimentação, de moradia, de saúde, de saneamento básico, de água, de luz, de acesso à internet? Como permanecer se parecem dizer: “Vão embora, vocês só causam gastos e atravanco para a universidade que projetamos. Não precisam de diploma se o trabalho disponível para a juventude é pedalar numa bicicleta por quilômetros para ganhar migalhas. Para que vocês precisam de ensino superior se o trabalho para um país colonial é a extração de matéria prima para exportação?”

Por que universidades públicas? Por que permanecer estudando? Porque temos fome. Não só de arroz e feijão, mas principalmente, de vida. Permanecemos para mudar o curso dessa história.

Eu ligo para Caetano, estamos em cidades diferentes, já são cinco meses nos vendo pela tela do celular. A intervenção consiste em estarmos juntos processando a vida que se modificou abruptamente. Faço uma vídeo ligação por semana e, conseguimos, de fato, nos encontrar. Muitas imaginações acontecem, diferentes cenas encontram passagem na voz que vai narrando vivências:

Carol diz: Como passou a semana? O que deseja me contar?

Caetano diz: Andei de bicicleta no sol.

Carol diz: E o que aconteceu enquanto tu andava de bicicleta?

Caetano responde: Vi uma tartaruga. Vi um peixe. Perto do mar.

Carol: Quais praias tu conhece?

Caetano: Eu conheço só a água.

Acho engraçado e pergunto: O que mais você viu nesse lugar?

Caetano:- Vi pessoas na água que batiam as pernas. Nadei de prancha.

Carol: - E qual foi a sensação?

Caetano:- Foi uma sensação boa.

Carol- O que mais te faz ter uma sensação boa?

Caetano: - Olhar para os carros na rua, olhar as pessoas na rua, comer cachorro quente, cantar, fazer escultura, estar com a família, estar com os pintinhos.

Carol:- Que lugares te dão uma sensação boa?

Caetano: - A praça por que tem refrigerante, dá pra comer cocada, posso sentar nos bancos.

Carol:- E tem outros lugares?

Caetano: - O Iguatemi por que posso comer pizza de salame e batata frita. A escola por que jogo um jogo de cartas e danço.

Carol:- Que música tu dança?

Caetano: - Música caipira.

Carol: - Como está sendo a academia, te dá uma sensação boa?

Caetano responde: Sim, posso andar de bicicleta.

Carol:- E em casa o que tu faz que te dá uma sensação boa ?

Caetano:- Tomar café e jogar bola com amigo.

Ao perguntar sobre o amigo recebo um silêncio e depois uma fala: - Um amigo muito bom.

É a primeira vez em anos de at que criamos longos diálogos. Eu me espanto. Duvidei que conseguisse persistir num processo clínico desse modo. Duvidei de mim e de Caetano. Fico impressionada com tantas palavras sendo ditas. Sinto-me em uma enxurrada e quase me afogo ao querer interpretar um modo de ser singular. Em uma tentativa desesperada de me agarrar a certezas enquanto um turbilhão era vivido e me arrancava das ilusões de controle.

Eu percebi que queria sair correndo das águas do mar que Caetano me levava. A cada encontro ele dizia novas descobertas que fazia naquele lugar: *Juntei conchinhas. Vi uma mulher de cabelos longos. Caminhei na areia.* Eu sentia dificuldades em mergulhar com ele, em imaginar e traduzir as sensações em palavras que alimentassem essa aventura. Relembro o encontro que gerou o diálogo acima exposto e me espanto. Como pude, por semanas, ficar tão preocupada em separar o que era elementos da realidade e o que era invenção? E como isso conta do meu bloqueio em inventar procedimentos e criar estratégias na rotina, que façam fugir das armadilhas e das portas, incessantemente, fechadas do período de pandemia?

Eu tentava organizar em gavetas determinadas: O que é lembrança aqui! O que é imaginação é ali. Experiência real é no outro setor. História criada vai

para lá! Quá... O processo de subjetivação de um corpo em nada tem haver com armários de prateleiras e gavetas. Ele se parece mais com um barro de argila aonde vamos criando e moldando.

Vivo a turbulência de fazer um raciocínio clínico em meio a essa arrebentação. Em supervisão ouço: *“Quando a imaginação não é uma experiência real de criação e produção da vida?”* Esse questionamento tornou-se um barco de resgate que me salvou. É real para ele! Não afundo e não afogo.

Aprendo com os tropeços e com o arrastão das ondas que, tanto o fazer clínico como o fazer artístico, são movidos por constantes questionamentos e problematizações. De modo que em at, muitas vezes, nossos pés vão pisar nas linhas retas, duras e dominantes do trajeto. Porém, acredito que enquanto nossa capacidade criativa se mantiver acesa, poderemos revirar essas linhas. Encontrar os desvios e criar novos procedimentos, que afirmem a diferença na vida em sociedade, que percebam o outro com toda sua singular potência e desfaçam os velhos procedimentos de normatização e automatização dos corpos.

Sigo pensando durante essa travessia com a autora que orienta:

“Constitui-se então, um território que dobra, redobra, desdobra infinitamente sobre si mesmo a fim de extrair seu composto de perceptos e afectos, produzindo-se bloco de sensações. Lugar onde vida e arte se entrelaçam e onde o artista e o clínico tornam-se operadores. De maneira que é a partir da escuta de heterogeneidades surgidas – que se proliferam nos encontros inundando-os de afecções e percepções – e segundo um estilo (um modo, um ritmo, um traço etc.) que o trabalho do artista e do clínico pode vir a exprimir as afectos (variações nos modos de sentir) e os perceptos (modos de perceber), dando-lhes um formar. **Assim, as formas se tornam prenhas de mundo e o artista/clínico, um navegador em devires outros.**” (ANGELI, 2008, p. 51)

Tecer e formar as camadas do corpo com fios de tensionamento, que bordem as linhas de forças desviantes na cidade. Transitar pelo avesso, e assim, retomar nossos fazeres como errantes navegantes do mundo em devir.

“Foi muito bonito o at hoje. A mãe de Caetano atendeu o telefone e começou a me contar que estava sendo muito bom conviver com ele nesses

dias. Disse que está adorando, está sendo ótimo, pois, desde criança ele convive pouco em casa, com a família. Lamenta por ele estar sempre num atendimento ou numa clínica e não passar muitos momentos juntos. Ela disse: Nesses dias ta sendo muito bom ele ficar em casa com nós, tá sendo ótimo conviver com ele. Queria te contar isso! Eu fico tão feliz em escutar e ver a modificação na forma como ela olha para ele. Afinal, é muito artesanalmente, que vamos conseguindo revelar a essa família, as características marcantes do ser Caetano que descobrimos. Visto que a relevância dada para a marca do diagnóstico autista acaba por apagar do cenário familiar as tantas outras faces dessa figura que deseja e tem vontades.

Quando fico a sós com Caetano, ele me conta que está com umas ideias. Eu peço que ele me conte sobre elas.

Ele diz: Umas ideias na cabeça. Um trabalho com escrita, com números e letras. Fazer um desenho ou escrever.

Eu digo que estou escrevendo o que ele falou.

Ele diz: Quero cantar.

Eu pergunto: Qual música?

Ele responde: Alguma do Caetano Veloso.

Eu pergunto: Pode ser a mesma que escutamos no outro encontro? Canto de um povo de um lugar?

Ele responde e sorri: Sim!

Ouvimos e depois cantamos juntos. Eu faço gestos e brinco de dançar com os braços enquanto cantamos. Caetano gosta de olhar, ri e também faz alguns gestos. Vamos nos animando e conto que me deu vontade de ir pra frente da casa cantar, e mostrar para ele a minha rua. Peço para ele me levar a olhar a rua da frente da casa dele. Ele levanta e vai primeiro ao pátio dos fundos da casa. Com a ajuda do pai, ele gira e vai me mostrando todos os cantos. Depois, vai até a frente e me mostra sua rua. Logo, sente vontade de entrar e senta-se na sala novamente.

Eu mostro pra ele a rua de casa, vamos observando as árvores, as montanhas, o céu, as outras casas. Pergunto se ele quer cantar alguma música enquanto olhamos a rua. Ele começa e eu canto com ele:

*Todo dia o sol levanta
E a gente canta ao sol de todo dia*

*Fim da tarde a terra cora
E a gente chora porque finda a tarde*

*Quando a noite a lua amansa
E a gente dança venerando a noite.*

(Canto de um povo de um lugar, de Caetano Veloso)

.Algumas pessoas cruzam na calçada e aparecem na tela que Caetano assiste. Os passarinhos começam a cantar nas árvores aqui da frente. Percebo e pergunto se ele está ouvindo. Ele confirma. Seguimos por mais um tempo entre silêncios, risos e cantorias, olhamos a paisagem. Eu na calçada. Ele através da tela. Até que pergunto se ele quer me contar mais alguma coisa.

*Ele diz: Quero contar mais uma coisa... **Eu fiquei ALEGRE!***

Emoção e alegria profunda!”(diário de trajetória, 2020)

Durante todo esse processo de acompanhar caminhos pude, com Caetano, buscar e habitar o território das experiências estéticas que nutriram nossas capacidades inventivas e criativas. No chão das ruas encontramos expressões de arte feitas ali, como cantou Milton Nascimento em *Nos bailes da vida*, “*com a roupa encharcada e a alma repleta de chão todo artista tem que ir aonde o povo está.*” Alimentamos nossos corpos e permitimos que nossa própria arte se expressasse por esse lugar. Aonde muitos vão e vem, sobem e descem, passam e andam na cidade em busca de saciar a fome e a sede de vida. Nossas interferências abriram percepções.

Com o som do violoncelo, com a pintura das faixas para as manifestações. No hino da escola de samba, no canto nas praças e calçadas. Nas poesias feitas nos parques, nas esculturas criadas. Através da presença em museus, em

circos, em peças de teatro, em espetáculos de dança. Com o canto da mulher catadora de recicláveis. Nos momentos de contemplação e silêncio. Em cada um desses instantes bebemos os goles de uma vida com saúde. *“Não se trata do poema, e sim da humanidade e a sua vida.”*

As experiências traduzidas nessas narrativas, e tantas outras que não couberam nessas linhas, moldaram no barro de nossos corpos as novas camadas de sensibilidade. Cultivaram as terras da subjetividade e fizeram-lhe campo fértil. Tão fértil que mesmo no inverno, entre ruínas, ou, na ausência do chão durante o isolamento, seguimos brotando. Mesmo durante uma pandemia no contexto político brasileiro, a gente consegue florescer e crescer as raízes. Encontramos espaço para afirmar que há experiências com a arte que são poderosas aliadas na criação de saúde e na reinvenção do cotidiano.

Mas cuidado! Não falamos de toda arte, não generalizamos experiências únicas, não prescrevemos procedimentos. A pista a seguir, ajuda a manter o sul:

Mas, o que mais favorece a experiência estética? O cultivar-se para ela. Kastrup (2010) citando uma entrevista de Deleuze, diz que ele não procura os espaços de arte e produção cultural para ter mais cultura, mas para cultivar-se; não acredita na cultura em si, mas nos encontros, não só com pessoas mas, sobretudo com as coisas. Portanto, cultivar-se pode ser compreendido como abrir-se aos encontros, como um exercício de atenção à espreita às possibilidades de encontro (LIBERMAN; MAXIMINO, 2016, p. 122)

Foi com os artistas que encontramos, e com os artistas que nos tornamos que conseguimos nutrição e hidratação, para não só resistir em tempos secos, mas também, para fazer chover e molhar as calçadas da vida. Encontramos modos de permanecer criativos e com saúde durante esses meses que vivenciamos uma pandemia.

A caminhada até aqui nos levou a encontros que chamaram nossa atenção e trouxeram alertas: Por que há pessoas que estão adoecendo em uma rotina de exploração do trabalho com tantas horas semanais? Elas vivem

achando que falta tempo. Agora, o Tempo parece dizer: - O que falta é Humanidade. Onde tu te perdeste?

Com essas questões reverberando em cada célula sou levada pelos ventos de meu pensamento até Frida Kahlo. Uma artista mexicana que perdeu movimentos do corpo, perdeu filhos, perdeu amores, perdeu batalhas. Entretanto, ela não perdeu a capacidade de ser humana. Viveu por anos deitada em uma cama de onde não podia levantar sozinha. Pintou autorretratos que colorem experiências de mortes e renascimentos que foram vividos. É dela a frase que diz: *“É preciso fazer da arte um talismã que cura.”* Seu desejo atravessa tempos e gerações. É uma inspiração!

As pegadas dessa andança mostram que a arte pode criar saúde e a cura pode criar arte. Retroalimentam. Mas atenção! A arte que afirmamos não é calmante, mesmo quando nos desperta a calma. Ela pode ser a atenção para o vazio. O alerta para o caos. A expressão do que é vivido. Não é feita para aliviar, por vezes, é feita para exibir a dor. Mas há quem encontre o alívio na descoberta. Em outra década, a arte do cantor e compositor Aldir Blanc, e da cantora intérprete Elis Regina cicatrizaram feridas de um Brasil torturado, com a canção que diz: *“A esperança dança na corda bamba de sombrinha, e em cada passo dessa linha pode se machucar.”*

A sensação que tenho é que diversas vezes eu e Caetano seguimos o ritmo dessa dança na corda bamba, em uma mão a sombrinha noutra o sorvete, rindo em cada passo. Sempre caminhantes, mesmo sabendo que podemos nos machucar. Afinal, *“a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar.”* Asas! Nós cantamos e percorremos o Brasil que sonha.

CONTEMPLAÇÕES FINAIS

Com o vento batendo e abrindo as venezianas, olho através da janela e uma pergunta se aproxima: Para onde esse caminho leva?

Abro o mapa e revejo a andança: Começamos pelo avesso do mesmo lugar, fomos com o bloco dessa mocidade e encontramos um povo sem pernas,

mas que caminha. Chegamos a uma TOCCA e o método aprendido foi andarilhar. No meio do caminho uma pedra pareceu ser o caminho, com ele fomos pela a ponte ou aponte. Nossos deslocamentos radicais nos fizeram atravessar as ruas do indizível. E, na esquina seguinte, foi preciso mudar as coisas do lugar até percebermos, por mais distante, um errante navegante.

Volto o olhar para a janela e vejo os rastros que a pergunta faz passar. Para onde esse caminho leva? Como fazer a travessia desse momento histórico?

Um rastro... Aponta para sustentar as pegadas dos sentidos e da sensibilidade acesas. Com elas, avança também, a criatividade e a disponibilidade constante para agir nos tempos imprevisíveis. Por essa passagem sou levada a uma vida onde a capacidade de invenção é a grande aliada para a criação de um mundo que recém quer nascer, já escutamos sua pulsação. Mas será que ao me manifestar artista da minha própria vida, e ao aceitar o colorido único e singular de minha expressão vou conseguir atravessar?

Um rastro... Leva até um fazer clínico que revira o habitual e promove chegadas e presenças. Nele há fendas e brechas que desviam da normalidade, e criam irrupções que questionam a adaptação ao que produz adoecimento. Esse rastro abre passagens para diversos encontros e afetos que compõe essa prática em saúde. Mas será que criar terapias que anunciem a diferença dos corpos como potência da vida, vai nos fazer atravessar?

Um rastro... Orienta a nossa consciência de que somos sujeitos políticos, que o cotidiano é político, e a história é feita no dia-a-dia nas cidades. A passagem que se revela com essa pista, me faz sentir a esperança de que a nossa ação diária fará que os próximos capítulos dos livros sejam contados por quem fez artes, cultura, educação, saúde. E não por quem fez as guerras acontecerem. Por aí, sou levada a sentir as forças das resistências de 500 anos de nossas ancestrais seguir pulsando, nas tantas lutas que foram feitas nessa década, encarnadas na juventude de todo continente. Mas será que ao nos movimentar com união e persistência na busca de protagonizar a história brasileira, vamos criar travessias?

Percorremos uma grande aventura! Reviramos os lugares e no avesso nos encontramos. Não coubemos no papel. Fomos tão longe quanto a nossa imaginação. E agora, estamos aqui, bem aqui - mas já somos outros! No lugar onde faço a pergunta que moveu todos os encontros de at:

Para onde vamos, Caetano?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELI, A. A. C. **Respiros: Por um estado de jogo entre teatro e clinica.** 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ANGELI, A. A. C. **TOCCA: Uma terapêutica ocupacional.** 2014. 146 f. Tese (doutorado) - programa de pós graduação em psicologia social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ANGELI, A.A.C. GRAVINA, H.C. TOCCA: Programa Transdisciplinar....., **Extensão**, UFSM, 2020.

BARBOSA, N. D. **Fendas na cultura: a produção de tecnologias de participação sociocultural em terapia ocupacional**. 2010. 262 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Terapia Ocupacional, USP, São Paulo, 2010.

CASTRO, E. D. ET AL. Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura. **Cad.ter.ocup. UFSCAR**, São Carlos, v.24, n.1, p1-223 jan-mar, 2016.

CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2002

CASTRO, E.D. Arte, corpo e terapia ocupacional: aproximação, intersecções e desdobramentos. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 11, n. 1, p.7-12, jan./abr., 2000.

DORNELLES, P. Acessibilidade cultural. In: Santos & Galassi. **Questões contemporâneas da Terapia Ocupacional na América do Sul**. Curitiba: ed. CRV, 2014.

INFORSATO, E. A. **Clínica barroca: exercícios de simpatia e feitiçaria**. 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós- Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

INFORSATO, E. A. *et al.* Arte, Saúde e Cultura na Formação em Terapia Ocupacional: Atividades, Corpo e Produção de Subjetividade na Experiência do PACTO. In: SILVA, Carla Regina (org.). **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. São Carlos: Hucitec, 2019. Cap. 5. p. 131-156

INFORSATO, E. et al. Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 110-117, maio.-ago. 2017.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo *IN* PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, (p.32-51).

KASTRUP, V. O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. **Psicologia ciência e profissão** [online]. 2008, vol.28, n.1, p.186-199.

LIBERMAN F. L.; MECCA R. C; Carneiro F. S. Arte, corpo e terapia ocupacional: experimentações inventivas. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro 2018,v.2(1): 9-14.

LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 18, p. 67-76, 2010.

LIBERMAN, F. MAXIMINO, V. acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. **Cad. Ter. Ocup. UFSCAR**, São Carlos, v.24, n.1, p. 1-223, 2016.

LIMA, E; M; A ; PELBART, P; P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, jul.-set. 2007.

MENDES, M. L. **Esquivas, criação e planos de existência: ressonâncias éticas, estéticas e clínicas na trajetória de Fernand Deligny**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação Interunidades Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NETO, M. L. A.; AMARANTE, P. D. C. O acompanhamento Terapêutico como Estratégia de Cuidado na Atenção Psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2013, 33 (4), 964-975.

NEVES, Claudia E. Abbês Baeta. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. **Arquivos brasileiros de psicologia**. [online]. 2004, vol.56, n.1, p. 02-20

PASSOS, E; BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção /IN PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009 (p.17-31).

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 207

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014, p. 248.

ROLNIK, S. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. In: DISERENS, C; ROLNIK, S. (orgs.) **Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SILVA, C. R; CARRARO, E. L. A arte da sobrevivência ou sobre a vivência da arte. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 18, núm. 48, 2014, p. 237-243 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho São Paulo, Brasil.